

Outro local onde a língua portuguesa também está presente com mais veemência é o Posto de Saúde da aldeia. Favorecido por ter todos os profissionais da saúde oriundos da sociedade envolvente, esse espaço se vale de uma funcionária da própria comunidade, a qual está apostos para intermediar a conversação entre indígenas e não indígenas. Segundo essa funcionária indígena⁷, a necessidade dessa intervenção se dá devido aos termos eminentemente científicos das bulas de remédios e porque o vocabulário dos Apinayé ainda não incorpora palavras específicas da língua portuguesa, nomeadamente no que diz respeito aos sintomas que precisam de ser bem explicados ao agente de saúde. Segundo essa mesma funcionária:

[...] Aí tá a importância da escola ensinar a ler e escrever em português. Quando a gente estuda o português é muito importante. O estudo na língua⁸ também é importante. Mas falar na língua a gente já sabe. Agora precisa aprender falar em português. Não só falar português, ah!, mas também ler e escrever em português é muito importante também. Pra tudo o índio precisa do português...pra ir no posto levar criança doente, pra comprar as comida, os remédio, as roupa e também pra trabalhar precisa falar português. A língua nós já sabe. Mas só sabe falar. Precisa aprender a ler e escrever também na língua. É poucos que sabe ler e escrever na língua. Eu sei ler e escrever pouco na língua, sei mais em português. É que ler não tem livro na língua. Mas escrever na língua é preciso aprender. E sabendo escrever na língua pode ser que faça livro na língua. Não sei por que só tem livro em português e não tem livro na língua. Eu queria ler um livro pra ler na língua. (KANAÍRA, INDÍGENA APINAYÉ FUNCIONÁRIA DO POSTO DE SAÚDE DA ALDEIA MARIAZINHA).

A fala de Kanaíra é contundente. A situação de contato dos Apinayé com a sociedade majoritária impõe aos indígenas a obrigação de não apenas falar a língua portuguesa, mas de ler e escrever nesse idioma. Nesse sentido, a escola se apresenta como um espaço social que oportuniza à comunidade contato sistematizado com uma língua que é estrangeira para ela. Além disso, é nesse espaço que elementos das duas culturas são colocados lado a lado, promovendo a interculturalidade, razão de ser de uma escola nos domínios sociais indígenas.

Com efeito, as representações que os Apinayé fazem das línguas materna e portuguesa no seu cotidiano são análogas. A importância que a comunidade da aldeia Mariazinha dá às duas línguas anula qualquer possibilidade de hegemonia de uma ou outra nas relações sociais estabelecidas dentro da aldeia.

Para trabalhar, para estudar, para comprar, para vender, eles precisam de falar português. Não bastasse isso, se impõe a questão de pertencimento, que se apresenta como fator de tensão na realidade da fronteira étnica. Ademais, falar a língua portuguesa, principalmente para os jovens e adolescentes, é uma forma de se sentirem aceitos, principalmente em Tocantinópolis, espaço urbano aonde eles vão diariamente. Para eles, dominar a língua portuguesa também na leitura, é primordial, assumindo mesmo aspecto de status social. Isso é possível constatar ao se verificar os inúmeros casamentos de jovens Apinayé com não indígenas, o que favorece sobremaneira conversações na língua portuguesa em locais onde antes era de pleno domínio da língua materna, como é o caso das reuniões culturais, por exemplo, as Corridas de Tora.

Mesmo nas reuniões familiares, coexiste um silêncio preocupante, quebrado apenas pela fala que vem da televisão. Segundo Deilson, professor de língua materna:

[...] cada dia a televisão é como se pertencesse à família. Não mais se conta história...não se pára para ouvir os mais velho falar. Os jovem quer ser como os da televisão, quer se

⁷ Visando a resguardar a identidade de nossos entrevistados, será dados nomes fictícios para suas falas.

⁸ É importante salientar que sempre que os Apinayé se referem à língua materna, falam apenas "a língua, na língua, ex: aprender a escrever na língua; aprender a ler na língua".

